

Um dos problemas que enfrentamos atualmente é a criação e disseminação das “Fake News”, notícias falsas que possuem o objetivo de confundir a população e criar algum estado de pânico, raiva, revolta ou algum outro sentimento, na maioria das vezes negativo.

Esse tipo de notícia falsa pode ser criada de forma direta ou indireta e mesmo sem a intenção de causar nenhum dos sentimentos negativos que falamos anteriormente, o responsável por criar esse tipo de notícia pode responder judicialmente por isso.

Antes mesmo do termo “Fake News” começar a se tornar uma expressão de conhecimento do grande público, já se espalhavam notícias falsas. É sobre uma delas que vamos falar agora.

Entenda o caso

Em 26 de fevereiro de 1998, o médico britânico Andrew Wakefield publicou na prestigiada revista “The Lancet” um estudo no qual ele afirmava que quando a vacina tríplice (ou MMR, essa vacina previne sarampo, rubéola e caxumba) era aplicada em crianças, elas causavam autismo. Além disso, as crianças que foram analisadas na pesquisa sofriam com uma grave inflamação intestinal além de manter no corpo das crianças o vírus do sarampo.

Na pesquisa de Wakefield, ele dizia que a vacina tríplice continha o vírus do sarampo em sua composição, por isso as crianças sofriam com as inflamações intestinais, ela acarretaria em uma inflamação no cérebro e acabaria causando o autismo. **Apesar de ele e sua equipe reconhecerem que essa ligação entre a vacina e esses “danos colaterais” poderia ser apenas um “vínculo casual”, os efeitos da pesquisa foram pesados, já que foi registrado uma diminuição enorme no número de vacinas MMR aplicadas no Reino Unido e no mundo.**

Antes mesmo de que se descobrisse a farsa da pesquisa de Wakefield, já era possível perceber algumas falhas durante a construção da pesquisa. Por exemplo, apenas 12 crianças foram pesquisadas. Isso mesmo, somente doze. Uma quantidade muito pequena, se pensarmos que se tratava de um tema tão complexo. Quando o histórico das crianças começou a ser analisado, se constatou que três das doze crianças nem eram autistas e que cinco delas já tinham o gene do autismo antes mesmo de receberem a vacina.

Outros problemas foram encontrados ao longo da investigação acerca do estudo de Wakefield; **alguns anos depois se descobriu que o doutor recebeu um pouco**

mais de 700 mil dólares, vindos de advogados e de famílias de algumas das crianças que foram pesquisadas; eles pretendiam processar as empresas farmacêuticas pelos “danos” que foram causados às crianças por conta da vacina. Também se descobriu através de um dos integrantes da equipe de Wakefield que a vacina não tinha o vírus do sarampo, como o estudo tinha afirmado anteriormente.

Em 2010, Wakefield foi julgado pelo Conselho Geral de Medicina do Reino Unido, onde ele foi considerado como “inapto para exercer a profissão”, perdendo seu registro médico. Além disso, a revista “The Lancet” pediu desculpas formais pela publicação do estudo.